

VELHICE, MERCADO DE TRABALHO E CONSUMO

Simone Valéria de Araújo¹

INTRODUÇÃO

Este trabalho se inscreve no campo teórico-metodológico da Análise do Discurso, na linha de Michel Pêcheux, e tem por objetivo descrever as estratégias discursivas presentes nos discursos sobre Velhice, Mercado de trabalho e Consumo que circularam no espaço midiático, na primeira década do século XXI.

A proposta de analisar a questão do mercado de trabalho e do consumo se justifica pelo fato de estes dois fatores econômicos, dentro da conjuntura social vigente, estarem direcionando várias formas de significação sobre o velho/idoso. Desta forma, ao longo desse trabalho, pretendemos analisar de que maneira o discurso sobre o velho/idoso aposentado se desloca dos sentidos de “inútil” e passa a lançar sentidos que parecem considerar o velho/idoso como sujeito útil. E desvelar de que maneira essa nova forma (s) de significar a velhice está vinculada aos interesses econômicos da classe dominante.

O MERCADO DE TRABALHO

Após o término da primeira década do século XXI, foi possível observar uma suave mudança nas “leis” que regem o mercado de trabalho. O capital intelectual e a experiência que não garantiam a contratação e permanência no mercado de trabalho, hoje, são encarados como fatores importantíssimos para empregabilidade dos sujeitos.

Levando em consideração esses fatores de ordem mercadológica, que são encarados como demasiadamente relevantes na contratação e recontração do trabalhador, e não descartando os outros que nos possibilitarão compreender como

¹ Mestranda em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Alagoas. Linha de pesquisa: Discurso, Sujeito, História e Ideologia. Orientador: Prof. Dr. Helson Flávio da Silva Sobrinho.

se instaurou essa nova forma de eleger as competências de um trabalhador em potencial, que não mais priorizam a vitalidade do corpo, mas sim a aptidão do intelecto, passaremos a pensar sobre a empregabilidade do/para o sujeito velho/idoso.

Diversas estatísticas e trabalhos acadêmicos apresentam e discutem as dificuldades ou impossibilidades enfrentadas pelos cidadãos idosos em busca de uma nova ocupação profissional. Dados revelam que, na faixa etária acima dos 50 anos, a taxa de emprego cai drasticamente. Mas, a partir de 2010, mais acentuadamente, houve uma significativa mudança nesse cenário, pois nesse período foi possível constatar a crescente demanda de contratos de trabalhadores idosos nos mais diversos seguimentos da economia.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 35% dos idosos brasileiros, ou seja, 4,5 milhões e meio de pessoas acima dos 60 anos continuam trabalhando mesmo aposentadas. Se analisássemos esse dado isoladamente consideraríamos que nossa sociedade tem dado saltos qualitativos no que diz respeito à valorização do cidadão idoso, pois, segundo muitos especialistas que tratam do fenômeno da velhice, o trabalho é considerado como algo de suma importância para a melhoria da qualidade de vida do sujeito velho/idoso. O que não se discute é: “que tipo de trabalho e para qual tipo de sujeito”.

Esses dados têm sido disseminados com muita frequência nos últimos cinco anos, nos mais diversos veículos de comunicação, sobretudo na internet. E deixam subjacente à sua forma de dizer o motivo que interpela o sujeito velho/idoso a voltar ao mercado de trabalho.

Encontramos enunciados da seguinte maneira: “idoso aposentado volta ao mercado de trabalho”, e essas construções enunciativas tomam a linguagem em sua aparente transparência, nos fazendo, assim, entender que a aposentadoria enquanto um benefício garantido pela Constituição Federal abrange todos os idosos de nossa sociedade ou que qualquer idoso está apto para entrar ou voltar ao mercado de trabalho. E ainda, que sua vida econômica pode se estabilizar por haver a possibilidade de junção do benefício da aposentadoria com o salário que este passará a receber, estando empregado.

Além disso, tangencia outros fatores que aludimos no início de nossa exposição nesse tópico, que são condicionantes para que possamos compreender essa realidade. Por exemplo, o fato de não haver contribuintes suficientes para manter a concessão de aposentadoria para os cidadãos que possuem esse direito, devido à diminuição da taxa de natalidade e aumento da taxa de mortalidade dos jovens brasileiros, a falta de mão obra qualificada, oriunda de outros problemas sociais que o país enfrenta, sobretudo no âmbito educacional, saúde e trabalho.

Essa realidade torna-se mais “interessante” para os empregadores que apostam na experiência do sujeito velho/idoso. Além de gerar benefícios ao Estado, tendo vista a reversão de seu custo. E para servir de ponto de apoio à sua representação nas estatísticas, nas quais se elenca as sociedades que se destacam pelo progresso e “emancipação” dos cidadãos.

TRABALHO E CONSUMO

Da perspectiva teórica que estamos falando, o trabalho está dentro do conjunto das relações sociais, é nele que estão contidas todas as determinações que constituem o ser social.

A depreciação da velhice na sociedade ocidental, localizada historicamente nas mudanças sociais e econômicas ocorridas a partir do século XVIII, decorreram principalmente dos novos modos de produção, que interferiram significativamente nos espaços sociais.

Conforme Marx (1996, p. 273), o desenvolvimento do modo de produção capitalista e da força produtiva do trabalho possibilita ao capitalista colocar em ação, “com o mesmo dispêndio de capital variável”, mais trabalho através da exploração das forças de trabalho individuais. Dentro desse contexto, acrescenta Marx (ibidem), os detentores do poder econômico compram uma maior quantidade de força de trabalho ao deslocar “força de trabalho mais qualificada por menos qualificada, madura por imatura, masculina por feminina, adulta por adolescente ou infantil.”

Inserida no grupo da superpopulação relativa, isto é, entre os trabalhadores desocupados parcial ou inteiramente, a camada mais velha da sociedade é formada

por indivíduos que “ultrapassam a idade normal de um trabalhador”, segundo Marx (1996), aqueles que sucumbem ante uma imobilidade causada pela divisão do trabalho. “O consumo da força de trabalho pelo capital é [...] tão rápido que o trabalhador de mediana idade, na maioria dos casos, já está mais ou menos esgotado. Ele cai nas fileiras dos excedentes ou passa de um escalão mais alto para um mais baixo” (MARX, 1996), complementa.

A inserção e a valorização do indivíduo na sociedade passaram a se dar pela força de trabalho, e o velho, ao não trabalhar, passa a ser desvalorizado, por ser considerado cidadão improdutivo, sendo a aposentadoria a marca dessa passagem.

De acordo com Beauvoir (1990, p. 13):

No mundo capitalista, o interesse a longo prazo não conta mais: os privilegiados que decidem o destino da massa não temem partilhá-lo. Quanto aos sentimentos humanitários, a despeito das tagarelices hipócritas, eles não intervêm. A economia é baseada no lucro; é a este, na prática, a que toda civilização está subordinada: o material humano só interessa enquanto produz. Depois, é jogado fora.

Desta forma, o cidadão da sociedade capitalista-burguesa, só pode ser considerado como tal, mediante uma posição-sujeito que reproduza o modo de produção capitalista. Tendo em vista que o principal objetivo desta é o lucro, em seu âmbito, só é aceito o sujeito que assume a postura de produtor de mais valia. Segundo essa lógica, o velho/idoso que se aposenta perde seu status de cidadão².

Segundo Pacheco (2002, p. 22):

Mediante o advento da modernidade, a degradação social da velhice começou a ser gradualmente engendrada, constituindo uma ideologia capaz de dar suporte à eficácia e à segurança da sociedade moderna que valoriza o novo, o ágil, o habilitado a produzir e a consumir, envelhecimento passou a ser associado às perdas de habilidades, à diminuição da força física e da capacidade de manter-se ativo.

Em meio a esse conflito, a aposentadoria é utilizada como um demarcador da velhice e, conseqüentemente, a pessoa idosa, nessa condição, é depreciada e desvalorizada, perdendo seu status na sociedade. Para Caldas (1997, p. 19):

² Esses dados são provenientes da pesquisa que realizamos no projeto PIBIC entre os anos 2012-2014.

O trabalho é também a inserção obrigatória do indivíduo no sistema de relações econômicas e sociais. Ele não é apenas fonte salarial, mas representa também o seu lugar na hierarquia de uma sociedade feita de classes e de grupos de status.

Contudo, nos últimos anos têm ocorrido várias transformações no plano político, econômico, social e cultural em decorrência do processo de aceleração do envelhecimento da população, culminando no surgimento de novas formas de sociabilidade e, por conseguinte, no desenvolvimento de uma nova representação do processo de envelhecimento. Na passagem do século XX ao século XXI, em especial entre os anos de 1990 a 2010³, observar-se-á novas formas de dizer/es sobre o velho/idoso, como a primazia da categoria Terceira idade em detrimento de Velhice, entre outras práticas discursivas contraditórias que visam homogeneizar a Velhice a partir do discurso sobre o Consumo, disseminadas sobretudo pela mídia.

De acordo com Orlandi (1999, p 41):

O discurso, por princípio, não se fecha. É um processo em curso. Ele não é um conjunto de textos, mas uma prática. É nesse sentido que consideramos o discurso no conjunto das práticas que constituem a sociedade na história, com a diferença de que a prática discursiva se especifica por ser uma prática simbólica.

Assim, a importância da atividade do trabalho e do Consumo na Velhice e os benefícios que essas atividades podem trazer para a sociedade capitalista promovem um deslocamento discursivo para o sujeito velho/idoso, que sai da condição de inútil e torna-se um sujeito que trabalha e, principalmente, que consome; logo, um cidadão, como se pode observar na sequência discursiva abaixo, recortada de uma matéria publicada na revista *Veja*, no ano de 2007.

(SD1)

DE PRATA E DE OURO

Independente, saudável e dona de 70% da riqueza do Japão, a geração acima de 60 anos viaja, consome, disputa as atenções do mercado – e, ainda assim gostaria de voltar a trabalhar.

Vejam a sequência seguinte, título de uma matéria publicada no canal R7.com.

³ No Brasil, segundo os dados colhidos pelo IBGE, em 2010, 10,8 %3 da população (20,5 milhões) possuía mais de 60 anos. (IBGE, 2010).

(SD2)

**Mercado de trabalho está cada vez mais aberto à terceira idade;
veja dicas Empregadores preferem pagar pela experiência e idosos
voltam à ativa**

Nesta segunda sequência, a linguagem se mostra transparente, nos permitindo concluir, à primeira vista, que há um destaque para a experiência do sujeito idoso. Isso instaura um acontecimento enunciativo dentro das relações semânticas sobre a velhice em nossa sociedade, pois apresenta a experiência do velho/idoso como fator relevante para sua inclusão no mercado de trabalho.

Entretanto, essa “nova” forma de significar a velhice, que, de certa maneira, rompe com a estrutura discursiva até então reproduzida, dissimula no interior de sua estrutura os interesses da sociedade capitalista burguesa, pois a exaltação da experiência dos sujeitos cidadãos da terceira idade não se dá de forma ingênua, mas como uma “dica” para que o sujeito velho/idoso saia da inatividade e volte à ativa. Assim, a exaltação à experiência do idoso é historicamente constituída através das demandas das relações sociais de produção, uma vez que se apresenta na sociedade brasileira um atual crescimento do desemprego e, por outro lado, culpa-se o sujeito por não ser qualificado e /ou não ter experiência para atuar em determinadas áreas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas materialidades aqui analisadas, o discurso sobre a velhice mobiliza dizeres sobre mercado de trabalho e consumo para produzir evidências do que é ser um trabalhador (ativo/inativo) na atual conjuntura sócio-histórica brasileira. Nessa discursivização, há uma intrínseca relação entre língua e discurso, capaz de produzir para os sujeitos efeitos de que eles precisam manter-se na ativa e não buscar a aposentadoria.

Quando articulados às suas condições de produção, esses discursos nos permitem compreender o funcionamento das relações de produção da sociedade

capitalista, que recruta os sujeitos, de diversas formas, para a sua contínua reprodução social, através da exploração do trabalhador.

É nas práticas linguísticas que essa ideologia do lucro é materializada, aparecendo para os sujeitos, nesse caso os velhos, como algo necessário e benéfico. Pelo interdiscurso, através de pré-construídos, recuperamos dizeres de velhice como inatividade, morte, que parecem se opor a essa “nova” discursivização que chama o idoso ao trabalho, e que, ao mesmo tempo, delimita os que podem voltar, ou não, à atividade profissional para desempenhar funções na reprodução social.

Vimos, também, como as práticas discursivas trabalham na homogenização dos sentidos e, conseqüentemente, dos sujeitos, pois como afirma, Pêcheux (1997), sujeitos e sentidos são constituídos simultaneamente. Essa produção de sentidos homogêneos deve ser constantemente questionada, pois, como afirma Silva Sobrinho (2007), há diferentes formas de viver a velhice, formas que são determinadas historicamente.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone. *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

CALDAS, Pereira Célia. Memória, Trabalho e Velhice. Um estudo das memórias de velhos trabalhadores In VERAS, Renato P. *Terceira Idade: Desafios para o terceiro milênio*. Rio de Janeiro, UnAT/UERJ: Relume-Dumará, 1997.

LESSA, Sérgio. *Mundo dos homens: trabalho e ser social*. São Paulo: Boitempo, 2002.

MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2004.

_____. *Salário, preço e lucro*. São Paulo: Global, 1980.

_____. *O Capital*. Livro I. 2. ed, São Paulo: Nova Cultural, 1985.

ORLANDI, Eni. *As formas do silêncio no movimento dos sentidos*. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.

_____. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999.

PACHECO, Jaime Leandro. *Educação, trabalho e envelhecimento: estudo das histórias de vida de trabalhadores assalariados focalizando as relações com a escola, com o trabalho e com os possíveis sintomas depressivos, após a aposentadoria*. Tese Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. S. P. 2002.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, F. & HAK, T. (orgs.). *Por uma análise automática do discurso*. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 2002.

_____. *Semântica e Discurso*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

_____. *Papel da memória*. In ACHARD, Pierre et al. *O papel da memória*. Campinas: Pontes, 1999.

SILVA SOBRINHO, Helson. *Discurso, Velhice e Classes Sociais: a dinâmica contraditória do dizer agitando as filiações de sentidos na processualidade histórica*. Maceió: Edufal, 2007.